

## PONTOS PE VISTA: O que pensam outros especialistas?

### **LIVRO DIDÁTICO: do ritual de passagem à ultrapassagem**

Ezequiel Theodoro da Silva\*

#### **À fina força dos costumes**

Antes de adotar um livro didático,  
pergunte criticamente  
se não vais ser um professor apático!

Costumo dizer que, para uma boa parcela dos professores brasileiros, o livro didático se apresenta como uma insubstituível muleta. Na sua falta ou ausência, não se caminha cognitivamente na medida em que não há substância para ensinar. Coxos por formação e/ou mutilados pelo ingrato dia-a-dia do magistério, resta a esses professores engolir e reproduzir a idéia de que sem a adoção do livro didático não há como orientar a aprendizagem. Muletadas e muleteiros se misturam no processo...

Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Costumo lembrar que o livro didático é uma tradição tão forte dentro da educação brasileira que o seu acolhimento independe da vontade e da decisão dos professores. Sustentam essa tradição o olhar saudosista dos pais, a organização escolar como um todo, o *marketing* das editoras e o próprio imaginário que orienta as decisões pedagógicas do educador. Não é à toa que a imagem estilizada do professor

\* Professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

apresenta-o com um livro nas mãos, dando a entender que o ensino, o livro e o conhecimento são elementos inseparáveis, indicotomizáveis. E aprender, dentro das fronteiras do contexto escolar, significa atender às liturgias dos livros, dentre as quais se destaca aquela do livro "didático": comprar na livraria no início de cada ano letivo, usar ao ritmo do professor, fazer as lições, chegar à metade ou aos três quartos dos conteúdos ah inscitos e dizer amém, pois é assim mesmo (e somente assim) que se aprende.

Costumo esclarecer que à perda crescente da dignidade do professor brasileiro contrapõe-se o lucro indiscutível e estrondoso das editoras de livros didáticos. Essa história começa a ser assim no início da década de 70: a ideologia tecnicista sedimentou a crença de que os "bons" didáticos, os módulos certinhos, os *alphas* e as *betas*, as receitas curtas e bem ilustradas, os manuais à Disney etc... seriam capazes —por si só—de assumir a responsabilidade docente que os professores passavam a cumprir cada vez menos. Quer dizer: à expropriação das condições de trabalho no âmbito do magistério correspondeu um aumento gigantesco nas esferas da produção, da venda ou distribuição e do consumo de livros e manuais didáticos pelo País.

Costumo ainda mostrar que esse apego cego ou inocente a livros didáticos pode significar uma perda crescente de autonomia por parte dos professores. A intermediação desses livros, na forma de costume, dependência e/ou "vício", caracteriza-se como um fator mais importante do que o próprio diálogo pedagógico, que é ou deveria ser a base da existência da escola. Resulta desse lamentável fenômeno uma inversão ou confusão de papéis nos processos de ensino-aprendizagem, isto é, ao invés de interagir com o professor, tendo como horizonte a (re)produção do conhecimento, os alunos, por imposição de circunstâncias, processam redundantemente as

lições inscritas no livro didático adotado. Dentro desse circuito, onde esse tipo de livro prepondera mais que o professor e reina absoluto, o ensino vira sinônimo de "seleção/adoção" dos disponíveis no mercado; a aprendizagem, de consumo semestral ou anual do livro indicado, sem direito à reclamação no Procon...

### **À viva força da forma**

De um lado, o aluno sorumbático.  
De outro, maquiavelicamente,  
as doses de desânimo do livro didático.

O vigor do livro didático advém da anemia cognitiva do professor. Enquanto este perde peso e importância no processo de ensino, aquele ganha proeminência e atinge a esfera da imprescindibilidade. De meio (que deveria ser), o livro didático passa a ser visto e usado como um fim em si mesmo.

A perversidade dessa lógica atinge várias esferas, principalmente por alçar o livro didático à condição de ponto de partida e ponto de chegada de todo conhecimento trabalhado em sala de aula. Uma forma imposta—e não uma forma possível—à qual os estudantes têm de se encaixar.

E essa forma, parasitária e paralizante, vai alimentando e cristalizando um conjunto de rotinas altamente prejudiciais ao processo educacional do professorado e do alunado. Quais são essas rotinas? Entre muitas, vale a pena ressaltar: a reprodução da dependência ao recorte arbitrário dos conteúdos contidos nos livros; a socialização de um tipo de aula onde o professor, por não ter voz

e nem vez, é mero repassador e/ou cobrador de lições; a perenização das carências de infra-estrutura pedagógica (bibliotecas, salas-ambiente, bancos de textos e informações, laboratórios etc.) nas escolas; a mecanização da mente e a passividade diante de atividades de estudo, considerando que as lições geralmente obedecem a um modelo padrão de estrutura, etc. É óbvio, portanto, que a liturgia do livro didático não eleva e nem enleva os seus participantes, pelo contrário, parece alimentar um círculo vicioso, de cujo centro vem sendo irradiada — há um bom tempo — a sofrível qualidade da escola e do ensino brasileiros.

Vale ressaltar que essa forma (o livro didático) é muito ruim nas suas características de produção. É "quadrada": obedece ao mesmo padrão o seu feitiço estrutural. É extremamente "rasa" no intuito de acomodar informações aligeiradas e não muito fiel às fontes primeiras. É "pegajosa" e "fria", congelando as possibilidades de movimento no âmbito do ensino-aprendizagem. É "espalhafatosa": os fatos do conhecimento se diluem nos adornos do produto para efeito de convencimento dos consumidores. É "descartável" e "perecível", considerando os meios modernos de circulação do conhecimento.

### **Cobrando força para fugir da força**

Do sistema nervoso simpático  
faz parte, sutilmente,  
a sujeição ao livro didático.

As determinações que levam o professor à dependência do livro didático estão diretamente relacionadas à questão da identidade e dignidade do magistério.

O magistério, enquanto trabalho e profissão, vem sendo desfigurado e desvalorizado ininterruptamente. A escravidão ao livro didático faz parte de um conjunto maior de fatores que empobrecem as condições para a produção de um ensino de qualidade.

A qualidade, enquanto intenção e meta, é pensada no ângulo dos investimentos em quinquilharias. Esquiva-se, quase sempre, de uma proposta concreta, honesta e duradoura no ser do professor, no salário digno e na qualificação profissional continuada.

Continuada é a esperança, já um tanto abalada pelos efeitos da desilusão constante, de que o mestre, com preparo e autoridade para tal, encontre forças para agir historicamente sobre os determinantes do seu trabalho.

O trabalho docente exige uma incursão prévia do professor nas fontes do conhecimento de modo a proporcionar um roteiro — síntese a ser reelaborada pelo grupo de estudantes. Pobre daquele mestre que acredita em um livro único ou, bem pior, que adota livro didático só!

Só a reinserção do professor na condição de sujeito insubstituível do ato de ensinar poderá varrer a barbárie pedagógica das escolas, higienizando os ambientes e pondo para fora dali os badulaques que, por força das circunstâncias e dos costumes, insistem em permanecer na categoria dos didáticos.

Didáticos são livros destinados a informar, orientar e instruir o processo de aprendizagem. Livros didáticos não educam!

Em Aberto, Brasília, ano 16, n.69, jan./mar. 1996

### **Forçando a vista para entrar no tempo**

É loucura do professor errático  
querer sempre, insistentemente,  
fazer aula só com didático.

No Brasil, como as recomendações e as providências sempre ficam "para a próxima administração", as soluções já nascem velhas, ultrapassadas ou esclerosadas. Na área educacional, essa verdade cabe como uma luva; na área do livro didático, essa regra é mais do que verdade.

De fato, a impressão que se tem é que o bombardeio de críticas ao livro didático já foi feito por todos os lados, do seu nascimento nas editoras, passando pelos recortes do conteúdo, pelas ilustrações e exercícios até chegar ao uso alienado por professores e alunos. Apesar dos pesares e das alfinetadas no "boneco", esse instrumento ainda reina absoluto no campo educacional, em regime de palhaçada reiterada de ano para ano (inclusive com o eterno atraso na sua distribuição às escolas).

Olhando um pouco mais atentamente para os fenômenos comunicacionais deste final de século e tentando perceber criticamente os efeitos da revolução eletrônica no cotidiano da vida, convém perguntar se o livro didático já não é um objeto ultrapassado. Dá para cocar a cabeça e hesitar em uma resposta, quando a tecnologia vem conseguindo prensar um único *CD-Rom* cerca de 200.000 páginas de texto impresso.

A ordem pedagógica estabelecida pelo livro didático será superada em pouco tempo pelas conquistas tecnológicas da telemática. De

fato, se idealmente é função do livro didático veicular, para efeito de pesquisa e estudo, uma parcela do conhecimento, os atuais suportes de base digital (bancos de dados, hipertextos, *CD-Roms*, *video-disks* etc.) permitem parcelas bem mais abrangentes e diversificadas sobre quaisquer temas científicos, abrindo caminho para a exploração interativa e multifacetada pelo usuário.

A abordagem construtivista do conhecimento, a montagem do currículo em ação e o imperativo contemporâneo do "aprender a aprender" parecem também demonstrar a crescente obsolescência dos livros didáticos. De fato, tais tendências afetam a organização escolar e, mais especificamente, a estruturação do processo de ensino-aprendizagem, impondo uma ampliação das fontes e referências do conhecimento junto a docentes e discentes. Ampliação essa que está muito além das possibilidades de qualquer livro didático ou até mesmo de um conjunto deles.

É sabido que as novas técnicas de comunicação não eliminam as precedentes; porém, em termos de potencial para estudo e aprendizagem, as atuais redes computadorizadas de informação, por permitirem a interatividade e a permuta, vão desbancar os livros didáticos como os principais recursos de apoio ao professor. Daí a literacia do computador, os equipamentos computadorizados, os bancos de dados e as redes se colocarem como exigências do agora para todas as escolas brasileiras. O retardamento da sua implantação e a demora na sua propagação podem significar a continuidade de um ensino sem substância, defasado no tempo, fechado e absoluto.

Poderão dizer que esta proposta nada mais é do que um exercício de futurologia, que até a chegada dos computadores na escola os livros didáticos são imprescindíveis, que o País é pobre, etc... Ora, o Brasil

está a pedir, há muito tempo, uma escola hodierna, que forme trabalhadores para os desafios da modernidade, que atenda aos quesitos da empregabilidade e da globalização da economia. Outrossim, é chegada a hora de demonstrar uma ousadia há muito esperada, qual seja a de romper com linhas de investimentos que não deram certo: caso os livros didáticos brasileiros fossem mesmo eficientes, o Brasil seria o melhor país do mundo em termos de educação e escola.

Procurei, neste ensaio, refletir sobre vários aspectos que estão relacionados à produção, à circulação e ao consumo de livros didáticos na sociedade brasileira. A natureza polêmica e espinhosa do assunto levou-me à adoção de um estilo não-acadêmico, sem citações ou referências de apoio para sustentar as minhas afirmações. A argumentação por mim privilegiada seguiu a linha da experiência docente (27 anos de magistério em todos os níveis de ensino, da 1ª série do 1º grau ao 4ª ano da universidade) e das agruras vividas, sendo (ou tentando ser) professor "de verdade" dentro de escolas públicas marcadas por privações crescentes.

No início desta reflexão, afirmei que a grande maioria dos nossos professores necessita da muleta "livro didático" para poder oferecer algum tipo de conhecimento aos seus alunos. Entretanto, com esta imagem eu não quis, de maneira nenhuma, atribuir culpa ao professor. O mal necessário resulta de um conjunto de determinantes negativos na esfera do trabalho docente, dentre os quais a mania do livro didático. É hora de jogar a muleta fora! É hora de caminhar sobre as próprias pernas, com autonomia e decisão!

Observando a paisagem social do presente, defendi a inserção na escola das novas tecnologias de comunicação como alternativas

aos livros didáticos. Isto se — e somente se — essas novas tecnologias não vierem a reproduzir ou copiar os mesmos padrões da organização e os mesmos protocolos de utilização dos atuais

livros didáticos. Do contrário, estará para sempre decretada a morte das capacidades de análise, avaliação e criatividade dos professores e estudantes brasileiros.